

ENTREVISTA COM PEDRO RUIVO, DUBLADOR E TRADUTOR PARA DUBLAGEM DE *RUPAUL'S DRAG RACE* NO BRASIL

INTERVIEW WITH PEDRO RUIVO, DUBBER AND DUBBING TRANSLATOR OF *RUPAUL'S DRAG RACE* IN BRAZIL



Entrevistado por:

Jeremias Lucas TAVARES

Doutorando

Universidade Federal de Santa Catarina

Centro de Comunicação e Expressão

Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução

Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

<https://lattes.cnpq.br/8433192540142514>

<https://orcid.org/0000-0001-8337-5999>

jlucastvrs@gmail.com

1

Resumo: Nessa entrevista, Pedro Ruivo, ator, tradutor e dublador, fala sobre sua experiência como tradutor do roteiro para dublagem da 10ª temporada de *RuPaul's Drag Race All Stars* e como dublador da 17ª temporada de *RuPaul's Drag Race*. A entrevista foca na Tradução Audiovisual do inglês para o português brasileiro no programa, passando pelos desafios enfrentados na dublagem, principalmente, em relação a tradução de expressões da linguagem queer. O entrevistado compartilhou detalhes sobre o processo de tradução, como recebimento do material audiovisual e roteiro, tempo para preparação e outros aspectos técnicos. Além disso, compartilhou sobre seus critérios para escolhas tradutórias e sobre as ferramentas utilizadas no processo de tradução. O entrevistado também contou sobre sua experiência como dublador, relatando sobre os maiores desafios, a necessidade de ajustes no roteiro traduzido e outros aspectos práticos da dublagem. Por fim, o entrevistado falou sobre a recepção e os impactos da tradução audiovisual no contexto no programa.

Palavras-chave: Tradução Audiovisual; Dublagem; Legendagem; Linguagem *Queer*.

Abstract: In this interview, Pedro Ruivo, actor, translator and voice actor, discusses his experience as translator of the dubbing script for the 10th season of *RuPaul's Drag Race All Stars* and as a voice actor (dubber) in the 17th season of *RuPaul's Drag Race*. The interview focuses on Audiovisual Translation from English into Brazilian Portuguese, addressing the challenges faced in dubbing, particularly regarding the translation of expressions from queer language. The interviewee shared details about the translation process, such as delivery of audiovisual material and script, preparation time, and other technical aspects. Moreover, he discussed the criteria behind some translation choices and the tools used in the translation process. The interviewee also discussed about his experience as a voice actor, referring to the main challenges, the need for adjustments to the translated script, and other practical aspects of dubbing. Finally, he discussed about the reception and the impact of Audiovisual Translation within the context of the show.

Keywords: Audiovisual Translation; Dubbing; Subtitling; Queer language.



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da *Licença Creative Commons* Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

Esta entrevista apresenta uma conversa com Pedro Ruivo sobre sua experiência no contexto da franquia *Drag Race*, mais especificamente como dublador na 17ª temporada de *RuPaul's Drag Race* e como tradutor para dublagem na 10ª temporada de *RuPaul's Drag Race All Stars*. O referido *reality show* é estrelado por artistas drags e é repleto de expressões da linguagem *queer* em língua inglesa que são desafiadoras para a prática de Tradução Audiovisual, como já foi discutido em pesquisas anteriores sobre a tradução e apropriação dessa linguagem entre diferentes línguas (AUTOR, 2021; Moura & Vinhas, 2023). O entrevistado oferece uma visão rica sobre o processo de Tradução Audiovisual da linguagem *queer* do inglês para o português brasileiro por ter experiência em ambos os processos de escrita do roteiro para dublagem e de gravação do diálogo na língua alvo. Além disso, o entrevistado traz debates importantes sobre identidade, sociedade e cultura e como essas questões atravessam a tradução e o tradutor.

2 Pedro Branco Ruivo é um ator, dublador, tradutor, versionista, cantor, professor, diretor teatral e escritor brasileiro, nascido em Nitéroí. Já figurou o *cast* de dublagem de filmes como *The Flash* (2023) e *Gran Turismo – De Jogador a Corretor* (2023), séries como *The Witcher* (2023) e *Desencanto* (2023), *reality shows* como *De Férias com o Ex USA* (2025) e animes como *Pokémon Jornadas Supremas* (2020-2023). Pedro também escreveu o livro *O Vírus da Lagoa Vermelha* (2024).

1. Pedro, eu gostaria de agradecer novamente pela participação. É muito importante que a gente também escute a parte profissional que está envolvida na nesse processo de tradução. Os pesquisadores em tradução podem ficar muitos focados nesses problemas tradutórios, nas descrições de tradução e esquecerem muitas vezes de envolver os profissionais que também estão atuando nesse ramo. Eu gostaria de começar conhecendo um pouco de você e dessa sua experiência profissional com tradução e dublagem.

Eu já trabalho com teatro e atuação, pois o trabalho de dublador nada mais é do que um nicho dentro do trabalho do ator. E eu acho sempre bom especificar isso porque a gente para ser dublador precisa do registro de ator; e hoje em dia você só recebe seu registro de ator ou se você fizer teatro em si, se fizer faculdade, ou se comprovar trabalhos em peças, *ou se você for influenciador*. Mas geralmente você consegue o registro fazendo faculdade ou demonstrando trabalhos. Eu já estudo dublagem desde 2018 e comecei a trabalhar na dublagem como

dublador em 2020. Ainda sou considerado novato para o mercado porque para o mercado ou você tem 10, 15 anos de carreira e as pessoas começam a te reconhecer como dublador antigo, ou você tem cinco anos de carreira e, por acaso, você pegou um monte de trabalho muito grande assim, você nasceu com sorte e conseguiu, ou você *é nepobaby* também. Então, são as formas você ser considerado um dublador reconhecido. Então, há poucos anos que eu já tenho tido um pouco mais de frequência na dublagem, inclusive meu primeiro personagem fixo da dublagem foi a Sam Star da temporada 17 de *RuPaul's Drag Race*. Foi meu primeiro personagem a longo prazo. Inclusive, eu dei muita sorte, porque logo meu primeiro fixo de *reality [show]* foi uma *drag* que chegou na final. E como tradutor, eu já traduzo teatro musical há sete anos, desde 2017, porque eu também sou diretor de um curso de teatro musical em Niterói. E a gente queria fazer as nossas próprias versões das peças, então, eu pegava o material original e por saber bastante inglês pela minha trajetória, sempre fiz muita experimentação, vendo, assistindo, comparando, fazendo análise. Eu sempre tive vontade de fazer tradução para dublagem, aí esse ano [2025], eu fiz o curso da Dilma Machado de tradução para dublagem, que é uma das maiores tradutoras do Brasil, e consegui justamente como primeiro trabalho [de tradutor para dublagem] a 10ª temporada de *RuPaul's Drag Race All Stars*, lá na *BlueBird* porque eu tinha acabado de dublar a Sam Star [na temporada 17 de *RuPaul's Drag Race*] e por eu ter muito dos jargões e ter demonstrado dentro do estúdio muita facilidade de adaptação do texto, porque muitos episódios foram traduzidos por uma pessoa que não tinha muito repertório de cultura *drag* e linguagem *queer*, mas a impressão que me passava era que eram traduções muito literais, porque quase todas as frases eram tipo “eu *absolutamente* odeio ela” para traduzir “I *absolutely* hate her”. Algumas coisas que a gente percebe que em inglês as pessoas falam, só que brasileiro não fala assim. E muitas das falas da Sam [Star] estavam assim. Então, por causa dessa minha desenvoltura e eu já tinha “vendido meu peixe”, dizendo “olha, estou terminando o curso de tradução, se tiver alguma obra, alguma produção, me chama.” Então, eles precisam de tradutor e acabaram me dando essa oportunidade.

3

2. Atualmente, estou conduzindo uma pesquisa em nível de Doutorado sobre a recepção da tradução audiovisual de expressões da linguagem *queer* do inglês para o português brasileiro no contexto de *RuPaul's Drag Race*. Portanto, nossa conversa vai ser mais focada nesses aspectos da sua experiência enquanto dublador e tradutor para dublagem. Então, no caso, você atuou como tradutor para dublagem na 10ª temporada do *Drag Race All Stars* e como dublador na 17ª temporada de *RuPaul's Drag Race*. Quais foram os

principais desafios que você enfrentou, tanto na tradução para dublagem quanto na dublagem, que você não percebeu em projetos semelhantes?

O que *RuPaul's Drag Race* tem de específico é justamente o motivo de eu ter sido chamado para fazer a tradução, que é essa linguagem *queer*, esse repertório que o tradutor precisa ter para fazer uma linguagem verossímil para o público. O maior desafio é porque essas obras têm repertórios muito específicos. Por exemplo, uma pessoa que vai traduzir *Grey's Anatomy* precisa entender de jargões médicos. Alguém que vai traduzir *Law & Order* precisa entender de advogado. Alguém que vai traduzir *O Resgate do Soldado Ryan* precisa entender sobre guerra. O trabalho do tradutor é muito difícil nesse sentido porque a gente precisa passar convicção de uma coisa que não necessariamente a gente conhece. Eu preciso criar um texto de alguém que sabe o que está falando, mas não necessariamente eu vou saber do que essa pessoa está falando. Então, tem que ter esse trabalho de pesquisa. E justamente, por isso, eu tive essa vantagem na hora de traduzir o *Drag Race*, porque eu tenho muito desse repertório da linguagem *queer*, pelas coisas que eu assisto, pelos lugares que eu habito. E uma das maiores referências de comunicação *queer* foi o *reality [show]* do Diva Depressão, que é o *Corrida das Blogueiras*, que eu acompanho desde a 1ª temporada e, inclusive, algumas temporadas mais recentes trouxeram muitas *drag queens*. Então, existe muito dessa linguagem porque é uma produção LGBT, a DiaTV é muito LGBT. Eu assisto a muitos programas de lá e acabo aprendendo muito dessa forma de falar por causa desse repertório. Acho que esse foi o maior diferencial para mim dentro da tradução do *RuPaul's Drag Race*.

4

3. Vamos pensar agora no processo tradutório, especificamente, no contexto da tradução para a dublagem da 10ª temporada do *Drag Race All Stars*. Como se deu o processo de tradução dos roteiros? Havia um *briefing* do cliente de como deveria ser a tradução da linguagem *queer* ou das expectativas para o produto final? Você possuía acesso a parte visual do programa ou apenas ao roteiro?

Então, o cliente envia para gente o vídeo. *Então, eu já sabia quem ia ganhar antes*. Não só pelo vídeo, mas eu acabava sabendo conseguindo sabendo esses *spoilers*. Não podia falar nada, obviamente. E a gente recebe também o roteiro do que elas falam. Eu fiquei bem impressionado, para ser bem sincero, porque por ser um *reality*, eu não achava que fosse ter um roteiro transcrito do que elas falavam, mas tinha. E estava *quase* tudo lá. Porém, o trabalho

do tradutor não é só traduzir o que as pessoas estão falando, o trabalho do tradutor é montar o texto para ser dublado. E montar o texto para ser dublado muitas vezes implica também realizar as reações que são feitas, e saber *mais ou menos* quem está fazendo o quê - porque isso não é marcado -. Por exemplo: “Tá, Irene The Alien riu agora; Tá. Aí ao mesmo tempo que ela a Phoenix riu. Eu acho que aquela boca mexendo ali no fundo é da Deja Skye, então, eu vou colocar aqui a reação também”. Então, o trabalho da tradução também é você preparar o texto para os dubladores e para os diretores, para lá no estúdio eles não precisarem ficar fazendo isso. Então, essa era uma das partes mais difíceis de traduzir um *reality* porque elas falam muito em cima da outra, os cortes de edição são “malucos”, às vezes eles pegam uma linha de voz de outra cena e colocam numa cena que a drag não está falando. Então, às vezes eu tenho quem está falando. Às vezes tem até escrito, mas está escrito “*drag queen*”. E não dá para colocar “*drag queen*” no roteiro para dublar porque afeta o processo de marcação e divisão de falas para escalar os dubladores. O diretor [de dublagem] vai usar o “ctrl+F” para localizar o nome do personagem, e se está escrito “*drag queen*” é como se tivesse um personagem chamado “*drag queen*”. Então, vai escalar uma *dobra*, que é um dublador para dublar “coisinhas pequenas”, para fazer. Quando chega o dublador no estúdio e o diretor fala “Ah, você vai dublar ‘*drag queen*’”. Depois, entra lá e é uma drag participante que já tem um dublador. Então, eu também tinha esse trabalho de colocar o nome “certinho”. Não podia nem errar o nome. Por exemplo, a Chappell Roan foi convidada; eu não podia colocar “Chappell” em uma das falas e “Chappell Roan” na outra, porque vira duas pessoas diferentes. Outro exemplo: tinha *drags* com o mesmo nome, então eu não podia colocar só o nome, porque podia ser qualquer uma das duas. Ou o mesmo sobrenome, que é o caso da Nicole Paige Brooks e Mistress Isabelle Brooks, eu não podia colocar só Brooks. Então, isso tudo faz parte do processo. Sobre o *briefing*: não existe *briefing*. Talvez seja um dos motivos das traduções [de *RuPaul’s Drag Race*] do passado serem tão “quadradas” para o público. Acho que por falta de preocupação mesmo. Não sei se existia essa preocupação por parte do cliente. Mas é uma preocupação minha: eu, Pedro, quis fazer uma coisa que fizesse sentido para o público. Porque o tradutor pode simplesmente traduzir literalmente ou traduzir de uma maneira neutra. O cliente não fala português, então, não tem como necessariamente o cliente ter esse filtro. É trabalho do estúdio ter esse cuidado porque o que o estúdio mandar para o cliente, está feito. O cliente justamente contrata alguém porque ele não sabe fazer isso. Então cabe ao estúdio ter esse crivo. Eles [os clientes] não tem noção do que é uma boa tradução em português, então, cabe a gente fazer. Sobre as escolhas de palavras e termos, foi uma coisa que eu estava tentando entender como solucionar, porque

o trabalho de dublagem é você falar em português, normalmente. Mas os gays que assistem *RuPaul's Drag Race*, assistem em inglês, então, estamos acostumados a falar “estou *gag*”, “aí, esse *shade*”, “aí, ela é muito *cunt*”, “*work, mama, slay*”. Isso faz parte da gíria, do meme LGBT. Então, na hora de dublar do jeito que a comunidade fala, eu teria que falar metade das coisas em inglês. Então, isso foi realmente um desafio porque se eu fosse ser completamente fiel às coisas que as pessoas falam, eu teria que falar um monte em inglês. Então, foi mais uma balança mesmo: o que eu traduzo para português e o que mantenho em inglês? Por exemplo, uma regra que eu coloquei foi traduzir “*bitch*” para “*bicha*”. Isso foi uma martelada que eu já tinha dado desde a Sam [Star], porque a boca [movimentação labial] de “*bitch*” e “*bicha*” é a mesma. E em português, a gente não fala “*vadia*”. Mas também falha algumas vezes, por duas coisas. Primeiro, no *Drag Race All Stars*, a Daya Betty tem o bordão “*I'm the bitch*”, só que aqui a gente não fala muito assim “Sou a *bicha*”. E ao mesmo tempo que a gente usa o “*bicha*” para se referir aos outros, a gente não usa o “*bicha*” para falar de uma gay “*debochada*”, “*venenosa*”, “*shadeira*”. Então, isso foi uma coisa que eu tive que desistir e colocar “a *bicha*” mesmo. Porque para a tradução real do “*the bitch*”, eu não encontrei algo que coubesse. O segundo, é

6 que lá fora [nos EUA], as drags se chamam de “*bitch*”, tanto pessoas cis quanto pessoas trans. E aqui no Brasil, eu estou no grupo da Tela Queer, que é um lugar que acompanho muito sobre a comunidade e vejo pessoas falando sobre *RuPaul's Drag Race*, e percebi que muitas mulheres trans não gostam de ser chamadas de “*bicha*”, porque tem essa conotação de homem cis. Então, não sei como os dubladores fizeram o texto, não sei se algum falou “*bicha*” para uma personagem trans, como a Kerri Colby ou a Bosco, mas quando percebi, no meio da temporada, eu parei de colocar “*bicha*” para as participantes trans: colocava “*mona*”, “*mana*”, “*gata*”. Tentei ter esse cuidado.

4. Nesse processo de tradução e de escolhas, qual critério geral você usou para traduzir essas expressões da linguagem *queer*, foi mais uma tentativa de aproximar à linguagem usada pela comunidade *queer* no Brasil ou de evitar o uso de termos em inglês optando por movimentos de domesticação, para atingir um público maior que não seja só o LGBTQ+? Porque quando eu uso “*shade*” ou “*gongar*”, o público que não é dessa comunidade pode enfrentar problemas de compreensão desse produto audiovisual.

Em resumo, eu tentava equilibrar. Não dá pra negar que a gente usa termos em inglês. Um que a gente usa e eu descobri depois foi o “*roast*”. Porque na temporada 17 [de *RuPaul's*

Drag Race], traduziram para “fritada”. Então, eu pensei “não é fritada, é “gongada”. E eu falei isso para o diretor [de dublagem] na época e ele mudou todos os “fritada” para “gongada”. Porque existe a Gongada Drag hoje em dia, não é, que está super em alta? Isso foi um pouco difícil porque lá fora eles faziam muitos trocadilhos com “*roast*”, então eu tive que adaptar muitos desses trocadilhos como “a torrada tá quente”. Quando era uma piada super específica eu nem considerava muito a referência do original, eu adaptava direto. Eu mudo descaradamente, *até porque algumas piadas são ruins*. Então, eu sou muito de “humor 5ª série”, então, eu pego meu repertório todo e coloco. Teve uma discussão da Mistress com a Aja na semifinal, que a Mistress foi super pesada com a Aja. Uma frase que ela fala super pesada eu traduzi como “Obrigado pelo toque, Lucinda, a coisa que eu mais prezo na vida é conselho de mendiga.” É muito bom quando esses memes encaixam. O estúdio tinha o critério de não falar muito palavrão, o que para mim não faz sentido porque é um *reality show* para adultos. Podia falar “bicha”, mas não podia falar “viado”. Mas aí tem esse lugar do preconceito, da homofobia. Mas essa não é numa preocupação dos LGBT, porque quem é LGBT – pelo menos na minha opinião –, não tem tanta diferença assim de uma palavra para outra, ainda mais na forma como o meio LGBT usa ambas. Não podia usar marca também, inclusive, eu tomei alguns *retakes* porque falei, por exemplo, “drag da *Shopee*” ou “na *Shopee* parecia maior”, e falaram que não podia. Então, mesmo que a original fale, se não for algo patrocinado, é muito complicado de usar na tradução.

7

5. O próximo questionamento, que agora já percebi que a resposta é “não” pelo que você relatou, seria se você tinha acesso a algum glossário, consultoria cultural ou *feedback* de revisor. Caso contrário, quais ferramentas você utilizava para realizar essa tradução para dublagem, como ferramentas de IA ou de tradução automática?

Eu era o revisor cultural. Não tinha nada disso. Usei IA, principalmente, para pesquisa. Por exemplo, alguma expressão muito específica delas que eu não conheço, o *Chat [GPT]* me explicava. Às vezes, [a IA] dava alguma sugestão de tradução, mas 95% das vezes eu ignorava. Então, o *Chat* me ajudava a entender essas coisas muito específicas de expressão. Existem algumas palavras, frases que eu não “pesquei”, então, eu usava o tradutor para entender, mas coisas muito pequenas. Então, boa parte eu acabava traduzindo apenas ouvindo ou lendo, mas algumas pequenas coisas, eu acabava fazendo essas pesquisas pelo *Chat* que já faz essa análise. Eu uso a IA a meu favor nesses casos, com uma pesquisa bem específica. É claro que eu não

levava tudo a “ferro e fogo”, porque a IA muitas vezes erra, mas na maioria das vezes, ajudava. Outra coisa que aconteceu no primeiro episódio de *Drag Race All Stars*, é que eu parei por anos de assistir a *RuPaul’s Drag Race*, passei quase 10 anos sem ver, então, tenho um *gap* muito grande nesse meio do caminho, por isso, eu não conhecia muitas coisas. E o primeiro episódio da 10ª temporada de *Drag Race All Stars* mostra muitos *flashbacks* das temporadas delas e no roteiro, muitas vezes, não tem o nome das *drags* que falam. Então, como eu vou descobrir quem é aquela *drag*? Por exemplo, no *flashback* da Aja, ela está fazendo um show de talentos, e ela já participou de uma temporada de *RuPaul’s Drag Race* e uma de *Drag Race All Stars*, então, é difícil saber qual cena foi aquela. Eu não vou sentar e assistir todas as temporadas para encontrar a cena. Então, eu coloquei assim mesmo no Chat: “Em qual episódio de qual temporada a *drag queen* Aja se joga de uma caixa e as pessoas ficam chocadas por isso?”. E ele acertou, falou qual era o episódio. Então, eu fui naquele episódio e fiquei olhando, comecei a procurar quais são as *drags* presentes na cena e consegui colocar o nome. Porque, como eu falei, a gente não pode colocar só “*drag queen*” no roteiro para dublagem, ainda mais se for uma *drag* de outra temporada, e ainda mais se for uma *drag* que já tem dublador. Então, eu precisava saber especificamente qual era a *drag* que estava falando. Teve também um *flashback* da Bosco, em que eles precisam dizer quem merece ser eliminada e cinco ou seis *drags* falam “Bosco” e algumas delas nem apareciam, só o *voice-over*. Todas nomeadas [no *script* em inglês] como “*drag queen*”. Como é que eu vou saber? Então, fui lá no Chat e pesquisei também qual era o episódio que isso acontecia. Aí fui naquele episódio e naquela cena, esperei a RuPaul citar o nome de cada uma das *drags* em ordem para voltar ao roteiro do *Drag Race All Stars* e ouvir se a voz era a mesma.

8

6. Para finalizarmos a parte sobre a experiência como tradutor, gostaria que você me relatasse sobre o tempo de preparação dessa tradução. Após o recebimento do roteiro, quanto tempo você tinha para finalização do texto para dublagem? Você recebia todos os roteiros ou à medida que os episódios eram lançados?

Na temporada 17, eu fui dublar a Sam Star quando quatro episódios já haviam sido lançados. Isso me incomoda um pouco porque perde muito o *timing*. A estreia do primeiro episódio dublado só aconteceu quando a temporada já estava no décimo episódio. A galera já viu. Pouquíssimas pessoas esperam a dublagem, não é uma coisa do meio [LGBT]. Ainda mais um meio que já está acostumado a ver legendado porque não gostava da dublagem [antiga].

Deve ter muita gente que gostaria de ver dublado e não viu porque perdeu o *timing*. É claro que existem pessoas que precisam ver dublado, pessoas que não sabem ler ou que tem deficiência visual, então, também é uma questão de acessibilidade. Mas ainda perde uma grande fatia de espectadores que poderiam ver dublado só porque querem ver na sua língua, mas acabam vendo antes legendados porque se não vão pegar *spoilers*. No caso do *Drag Race All Stars*, eu recebia o texto aos poucos e a dublagem era feita de forma simultânea com as entregas dos roteiros traduzidos. Eram cerca de dois episódios por semana para tradução, pois eles são bem grandes. São cerca de 12 mil palavras por episódio e 60 páginas de roteiro para traduzir em dois dias. Por ser um *reality*, eles falam muito, falam rápido, não tem silêncio nem muitos cortes. São cerca de três falas por segundo ou 18 frases por minuto em episódios cerca de 60 minutos. Era muito trabalho. E eu ainda estava querendo fazer bem. Eu parava, pensava em qual é a melhor tradução, qual é a melhor forma, se encaixa na boca, se a quantidade de palavras encaixa no ritmo que a *drag* está falando. Mas fazer isso para dez frases é tranquilo, fazer isso para 200 frases em dois dias é para “ficar maluco”. Esse é o motivo, muitas vezes, do trabalho de tradução sair ruim. É bom falar também que o dublador e o diretor *vão* mexer no texto, porque muitas vezes o tradutor não vai ter tempo de ficar verificando cada frase para ver se cabe no tempo. Eu faço isso e maior parte das vezes as palavras cabem, mas cabem na minha boca, sentado no sofá da minha casa. No estúdio é outra pessoa falando, com outra articulação, outro ritmo. Eu recentemente traduzi um texto, fui dublar no dia seguinte e mudei. Imagina outra pessoa. O pensamento de escrita não é o pensado de fala. A forma que se escreve não é a forma que se fala. E mesmo eu sendo um tradutor muito radical com escrever como se fala, ainda assim, não se encaixa totalmente com a fala.

7. Como você terminou sua fala contando um pouco sobre o processo de dublagem, já gostaria de entrar nesse assunto a partir de agora. Agora, não mais o Pedro, tradutor, mas focando no Pedro, dublador. Quais são os maiores desafios na dublagem de RPDR? Além da tradução e adaptação dessas expressões da linguagem *queer*, que já estão, supostamente, “resolvidas” no roteiro na língua alvo, quais outros aspectos, como timbre, ritmo, qualidade vocais ou outras questões paralinguísticas influenciam na dublagem nesse contexto?

No caso do texto que dublei, mas não traduzi, da 17ª temporada de *RuPaul's Drag Race*, o texto foi o problema. Foi uma dificuldade, justamente, por não estar “redondo” e não estar

fazendo sentido com a forma que as *drag queens* falam. Então, isso foi uma coisa que eu sofri um pouco, tendo que adaptar muito. Quanto a falar como *drag*, como alguém da comunidade LGBT, para mim foi mais tranquilo porque eu tenho muito desse repertório. Então, era muito natural para mim. Mas eu percebi que para os dubladores heteronormativos, não sai... Eles tentam, mas não fica natural. Dá para ver quando é um heterossexual dublando e quando não é. Eu não estou entrando no mérito do trabalho deles, havia dubladores ótimos dublando. Mas ou é alguém que tenta parecer LGBT e fica estranho, ou é um alguém heteronormativo que fica parecendo um hétero “zoando” um gay, um lugar de não se levar a sério. Quando você está interpretando um personagem, seja na dublagem, no teatro ou no cinema, você tem que defender ele, você tem que acreditar no que está fazendo. Pode ser idiota, você pode achar *cringy*. Mas você precisa, pela obra e pela mensagem na obra, acreditar, falar com verdade. Não colocar uma casca de caricatura, de deboche.

8. Sobre o processo da dublagem, como você se preparou antes da gravação? Você tem acesso ao roteiro e ao produto audiovisual previamente ou só no estúdio? Há espaço para sugerir mudanças e ajustes no texto? Você fazia isso?

10

Na dublagem, nós não recebemos o material antes. Você chega na hora, e vê na hora, por questões de direitos autores e sigilo. Mas no caso da *RuPaul's Drag Race*, os episódios que eu fui dublar já haviam estreado. Então, eu já assistia em casa e tinha noção do que falava, e já pensava em algumas ideias de adaptação de piadas para fazer na hora. Mas normalmente, não é assim. Voltando ao assunto das escolhas tradutórias, o estúdio pedia muito para que adaptássemos piadas problemáticas. No *roast*, por exemplo, tudo é problemático. Tem muitas piadas gordofóbicas, por exemplo, então, mudou tudo, ficou tudo “quadrado”. Eles não queriam ser cancelados, mas não adaptaram direito. Tinha uma tradução “horrorosa” para uma piada da Sam que eu adaptei no estúdio, que foi traduzida literalmente. Então, quando fui dublar, eu reformulei tudo para ser engraçado. É muito livre. A gente podia fazer quase tudo que a gente queria. Claro, o diretor [de dublagem] tinha o crivo. Mas por mais que ele seja muito aliado, ele é um homem heterossexual. Então, ele não entendia nada de cultura *queer*. Assim, ficava muito a critério do dublador mesmo. Eu falava, “Ah, gay fala assim”, e ele “Beleza, então falamos”. E isso acabava sendo um problema no fim das contas, porque não ter uma direção *queer* ou LGBT, fazia com que não tivesse um equilíbrio de todos os trabalhos dos dubladores falarem como *queer* ou LGBT. Então, os que eram gays falavam assim, o que

eram heterossexuais falavam diferente, os que eram homofóbicos falavam *diferente*. Mas o trabalho do diretor foi maravilhoso e muito respeitoso, ele ouvia mesmo. Então, tinha muito essa liberdade. Ele reclamava muito quando falava palavrão, quando falava de marca ou fazia piada problemática, era o que ele mais evitava ou mudava.

9. Agora pensando um pouco na recepção e no impacto dessas traduções. Você já recebeu algum *feedback*, direto ou indireto, por parte do público, sobre a dublagem do programa?

Esse problema no *timing* no lançamento da versão dublada fez com que muita gente da internet que chegaria até a mim falando sobre, não tenha visto dublado. Então, eu tive pouquíssimos *feedbacks* – bons ou ruins. Acho que os pouquíssimos que tive foram bons. Eu me lembro de um *post* ou outro que o Tela Queer fazia no *Twitter*, falando “Finalmente a dublagem está boa”, “A voz combinou super”, elogiaram muito o dublador da Suzie Toot. Ótimo *feedbacks*. Houve o problema da escalação de um dublador para dublar a Lexi Love e eu acho importante falar sobre isso. Eu não estava nesse estúdio na época ainda quando houve essa escalação. Escalaram e contrataram um dublador homem cis para dublar a Lexi, que é uma mulher trans. E isso foi o maior *feedback* negativo, por motivos justos, em relação à dublagem da temporada 17. Mas eu não vi mais nada ruim. Algumas pessoas pensam que a dublagem é desnecessária. Mas acho que isso só acontece porque [o programa] não era bem dublado. É só ver a recepção de *Drag Race Brasil*. Tem muito a ver com as nossas *drags* do nosso país, mas também tem a ver com você ouvir o que as pessoas estão falando próximo a você. E eu espero que eu possa continuar traduzindo a franquía. Adoro traduzir *Drag Race* e é bastante dinheiro, *assim que eu gosto*. E vou tentar o meu máximo para manter essa qualidade do texto que vai ajudar *muito* na qualidade da dublagem. Sendo muito sincero, eu acho que a dublagem do *Drag Race All Stars* melhorou como um todo porque o texto estava legal. Algumas vezes aconteceu isso que eu falei do dublador não ser LGBT, mas mesmo assim ficou mais próximo porque o material sendo dublado fazia sentido. Eram palavras e formas de falar que faziam sentido. Às vezes a longo prazo, com a dublagem de qualidade e com as pessoas descobrindo que está sendo bem dublado, que foi o que aconteceu na temporada 17 [de *RuPaul’s Drag Race*], as pessoas parem de falar isso. Porque é muito mais gostoso você assistir uma coisa próximo a você. Eu sei que existe essa cultura da gente ver o material original, principalmente de *Drag Race*, e ter esse jeito de falar, “*gag*”, “*slay*”, “*work*”, “*mama*”, mas eu acho que isso pode mudar. Até porque tem muita coisa lá de fora que a gente só assiste dublado. Você já assistiu

11

Todo Mundo Odeia o Chris e Eu, a Patroa e as Crianças legendados? Você sabe a voz do Adam Sandler?

10. Por fim, eu gostaria de saber se você tem mais alguma coisa para acrescentar que você acha importante para essa nossa discussão?

Sim. Deem uma chance para assistir dublado. Mesmo se você já viu o original, assiste um episódio, assiste um corte. Dá uma chance para a dublagem de *RuPaul's Drag Race*.

REFERÊNCIAS

Moura, W. H. C., & Vinhas, L. I. (2023). “But, bitch, I’m still serving it”. Subtitling a drag language verb in RuPaul’s Drag Race into Brazilian Portuguese: New meanings, old words. *Mutatis Mutandis, Revista Latinoamericana de Traducción*, 16(1), 182-203.

<https://doi.org/10.17533/udea.mut/v16n1a11>

Tavares, J. L., & Branco, S. O. (2021). Drag language translation on RuPaul’s Drag Race: a study on representation through subtitles. *Revista Letras Raras*, 10(1), p. 204-229.

<https://doi.org/10.5281/zenodo.10263382>